

EDIÇÃO DE ESPORTES

SUPLEMENTO DO JORNAL DA TARDE / SÃO PAULO, SEGUNDA-FEIRA, 18 DE AGOSTO DE 1975 / NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

**São Paulo,
o
campeão
do
herói
Valdir.**

Max
Flamboy

A Portuguesa venceu o jogo (1 a 0); houve empate na prorrogação e o São Paulo ganhou nos pênaltis (3 a 0).

O CAMPEÃO

A torcida está decepcionada. A polícia conseguiu atrapalhar a sua festa.

Nas mesas do bar Ponto Chic, no largo do Paissandu, descansam os restos de uma batalha. Ali, já se sentaram antigos diretores palmeirenses, mas hoje só há torcedores do São Paulo. E domingo à noite. Ainda há algumas bandeiras, que são agitadas; e torcedores, que tomaram um copo a mais, gritando "campeão! campeão!". Não são muitos os que se animam a comemorar o título: as 100 pessoas que estão ali deveriam ser 200, 300 ou mais. A diferença está nos que se dispersaram quando as duas torcidas do São Paulo — Uniformizada e Independente — perderam a batalha para a Polícia Militar.

Paulo Sérgio tem um ferimento dessa batalha. Está logo abaixo do joelho direito e é uma marca que ele mostra com certo orgulho. Foi feita por um dos 20 cavalos do Batalhão de Cavalaria da PM. E logo na hora em que a festa que não houve ia começar, no Morumbi.

— Nós só queríamos fazer a nossa festa, carregar nossos campeões, gritar o nome do São Paulo.

Impossível. Já dentro do campo, mal era permitido que Aldo Rubens Navarro Magalhães cumprisse sua promessa, de atravessar o gramado de joelhos. Uma promessa feita em Caraguatuba, de onde veio só para ver o jogo. Os outros estavam com as duas torcidas, carregando um São Paulo feito de papelão. Sorrindo, em cima de uma nuvem, o santo proclamava o campeão e era rapidamente empurrado para os portões. Estava sendo decretado o fim da festa.

Em frente ao estádio, eles tentaram se reorganizar, entre vivas a Valdir Perez. Estava tudo preparado: era sair dali no único ônibus que o pouco dinheiro conseguiu alugar e tocar para o centro da cidade, onde o alvoroço seria tremendo.

Já não estavam ligando muito para algumas bandeiras apreendidas pela polícia ("custou tanto dinheiro quebrados ou amassados os instrumentos da coleção" e eles iriam, mesmo a pé, para o centro).

Mas chegaram os cavalos, os casacaletes e as espadas. Aos gritos para a torcida, que começou a se dispersar. Quando a praça em frente ao estádio já estava quase desimpedida, um torcedor levantou uma bandeira e começou a gritar o nome do São Paulo. E a verdadeira batalha começou.

Muitos deles desmaiaram, ou se machucaram na queda provocada pelos cavalos. Uma menina foi ferida por uma espada ("uma espada, imagine só!") cuja intenção parecia ser só afastar o grupo da praça. O pior, porém, ainda estava para vir.

Um garoto de uns dez anos desmaiou a primeiro contato com o gás lacrimogêneo. Foi atendido no Pronto Socorro, enquanto os outros torcedores que queriam ajudar e jornalistas eram barrados pelos policiais. Havia outras baixas, mulheres e crianças, que foram caídas ou sob o gás ou sob os casacaletes.

Os 25 integrantes da gloriosa e são-paulina bateria da "Escola de Samba Cabeções de Vila Prudente" começaram a achar que era hora de recolher os instrumentos. Eles deveriam, conforme o acordo com as torcidas, acompanhar a animação até o centro da cidade. Foram saindo e, com eles, mais torcedores, agora assustados com o tratamento.

— Assim, não dá. A gente só quer comemorar, mais nada.

Mas, toda a comemoração ficou mesmo nos 120 minutos de jogo. Ai houve muito talco, uma tonelada de talco comprada pela "Torcida Independente" e lançada ao ar o bastante para formar uma faixa esbranquiçada nas arquibancadas ao lado direito de quem entra no estádio.

Houve também papel picado. Eram 175 quilos de jornais velhos, velhos volantes de Loteria Esportiva, revistas. E de um requintado papel de seda, que foi guardado para a hora em que Valdir Perez conseguiu defender o terceiro pênalti.

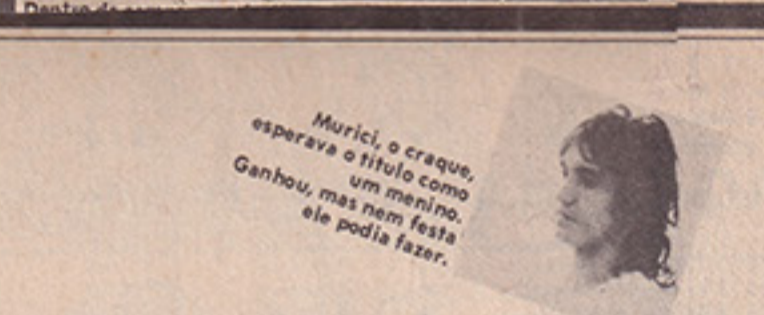
Eles tinham acabado de passar pela vergonha de uma derrota no jogo normal. E depois de terem visto um time sem forma, cansado, na prorrogação, não tiveram coragem de soltar um só rojão. Mesmo porque, cumprindo o acordo de uma reunião das torcidas com a polícia, na terça-feira passada, haviam-se comprometido a não comemorar nada desse jeito.

— Nós cumprimos nossa parte. E eles? — gritava um torcedor jovem, pálido de tanto talco, com sangue no braço e cheio de revolta. — Passamos fome e dificuldade para fazer o nosso carnaval e não conseguimos nada.

Eles vieram de bairros distantes, pagando três cruzeiros pelos ônibus que os levaria até o estádio. Estavam ali desde 9 horas da manhã, preparando tudo, para chegar na hora e ter aquela decepção.

— Sabem o que vão dizer? Que nossa torcida é fria, que não tem vibração. Mas, como é possível ter alguma vibração depois de tudo que aconteceu?

Paulo toma mais um copo de cerveja e começa a entoar o hino do clube. Alguns acompanham, outros gritam "olé,olé", os demais estão encostados pelos cantos do bar. Sobram alguns torcedores, que se perderam da turma ainda nas escadas do Teatro Municipal. Os outros estão aqui, chorando pela pouca animação, sofrendo porque não puderam fazer a festa que queriam ("dentro da nossa própria casa!"). Mas, se uma batalha foi perdida, a outra dentro do campo foi ganha. E isso, afinal, é o que importa.



Murici, o craque, esperava o título como um menino. Ganhou, mas nem festa ele podia fazer.

O triste menino campeão

De seus 19 anos de idade, Murici passou mais da metade no São Paulo. Aos 9 anos, ele era um menino com uma profissão definida: jogador de futebol. Mas já tinha obrigações de adulto para cumprir: não faltar aos treinos, estar sempre à disposição do clube para jogos e viagens, controlar a hora de dormir, as festas e, depois, o cigarro; obedecer as ordens do treinador, respeitar os juizes e seguir as recomendações do médico.

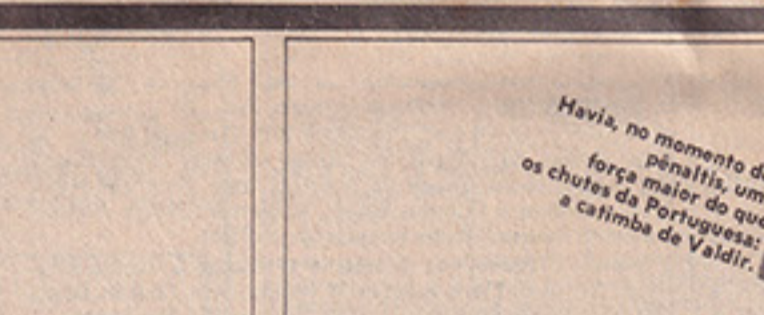
Entre os profissionais desde 73 — quando esteve emprestado ao Pontagrossense —, reserva em 74, titular desde o início deste ano, de vez em quando Murici pensa, fala e age como um menino. Se fosse uma brincadeira, nada lhe teria acontecido ontem, aos 32 minutos do primeiro tempo, quando ele se enverrou com as provocações de Dicá, perdeu o controle e entrou duro na sua perna, o meia afastou a bola e o corpo, mas fez tanta encenação que Dulcídio acabou lhe mostrando o cartão vermelho — e Murici acabou passando o dia mais assustado de sua vida.

Pedro Rocha não estava bem, Zé Carlos sofria com as entradas firmes de Cardoso, Chicão tinha de cuidar da entrada da área. Mas Murici não se assustou diante da tarefa de jogar pela direita e pela esquerda do meio campo, no ataque também. Tocando na bola quase uma vez a cada dois minutos, ele deu quatro dribles, errou

dois passes e dois chutes a gol, fez uma tabela com Rocha e impediu algumas descidas de Budeco — enquanto esteve em campo. Até que Enéas fez 1 a 0, era preciso empatar, então Dicá pegou a bola, entre a grande área da Portuguesa e a linha lateral.

Ele só foi descobrir que não havia machucado Dicá no intervalo, quando foi esperá-lo na porta dos vestiários da Portuguesa: "Ele não estava sentindo mais nada, eu estava pensando que minha falta tinha sido mais dura". Só então Murici percebeu que, talvez, tivesse caído numa armadilha: "O Dicá fez mais encenação, a dor foi mesmo muito pequena. Como o juiz estava longe, acabou me expulsando". Mas nem assim conseguiu ficar mais sossegado: pediu que o deixassem sozinho, foi para seu quarto, na concentração (2º andar do Estádio), "tentar me acalmar".

Não conseguiu: na metade do segundo tempo, já estava nas arquibancadas muito nervoso "vendo as dificuldades dos companheiros, com um jogador a menos e por minha culpa". Na cobrança dos pênaltis, desceu ao túnel, embora não quisesse chegar perto do banco dos reservas. Campeão, com seu primeiro título de profissional na vida, Murici apareceu chorando sem parar nos vestiários, um pouco sem jeito, com sua calça de brim e a camisa estampada. Olhou para o técnico Poy, teve medo de tomar uma bronca, mas ganhou um abraço de perdão.



Havia, no momento dos pênaltis, uma força maior do que os chutes da Portuguesa: a catimba de Valdir.

O milagre de Valdir, o herói.

Os deuses e os santos podem ter colaborado bastante, mas foi Valdir Perez quem decidiu o Campeonato a favor do São Paulo. Ele não fez milagres — apenas manteve a calma nas horas decisivas. Não realizou nenhuma grande defesa — mas provocou, enervou e confundiu os jogadores da Portuguesa durante a cobrança dos pênaltis que iriam definir o campeão.

Dalcídio chamou, ele foi andando para a área, ao lado de Dicá. Entre sorrisos, abraços maliciosos, e empurrões, Valdir lhe disse: — Você pode chutar em qualquer canto, que eu vou pegar!

Depois, foi a vez de Wilsinho, que parecia impressionado com a cobrança de Dicá. Os dois vieram caminhando, de longe até pareciam amigos, mas Valdir dissera para Wilsinho: — Hoje a casa está cheia, é claro que você também vai errar.

Embora não demonstrasse, Tatá tinha de estar preocupado com sua responsabilidade: se errasse o chute, a série de pênaltis iria terminar ali, pois o título já estaria perdido.

— Mas como você está branco, mais um pouco vai desmaiar e cair em campo — lhe disse Valdir.

Dicá correu com paradinha, Valdir se mexeu. Dicá cobrou de novo, no canto esquerdo, Valdir pulou e espalmou, levantou-se dando um soco no ar. Wilsinho estava tão preocupado que

chutou por cima. E Tatá mandou no meio do gol, uma bola que Valdir defendeu com os pés.

Terminado o jogo, todas as festas eram para ele. E Valdir, um goleiro que nunca deu muita sorte na defesa de pênaltis, ainda mais nessas séries decisivas ("Na Taça Lauro Natel," lembrava após o jogo, "eu tomei todas"), explicava como conseguiu deixar os jogadores da Portuguesa tão abalados.

— Não foi nada combinado, mas fiquei pensando em enervá-los enquanto esperava para fazer a primeira defesa. A responsabilidade do jogador é muito grande, é ele quem tem todas as chances para marcar. Quanto ao goleiro, nem pênalti suas chances de defesa são tão pequenas que eu estava completamente calmo, não ficaria nem um pouco preocupado se tomasse algum. Mas não sei se foi só pelo que eu falei que os jogadores da Portuguesa erraram todos os pênaltis. Dos três, o único que estava mesmo nervoso era o Wilsinho, parecia muito perturbado depois que o Dicá errou o primeiro.

Televisão de melhor em campo debaixo do braço, chamado de "melhor goleiro do Brasil" por todos os torcedores que estavam no estádio e até por um comentarista de televisão, apesar da festa e da alegria Valdir estava mesmo com pressa de voltar para Garça, sua cidade, onde queria aproveitar o único dia de folga — hoje —, antes do embarque para o Nordeste.

O título, nada mais justo para essa campanha.

Quando a bola chutada por Tatá bateu nas pernas de Valdir Perez, dando definitivamente o título de campeão paulista ao São Paulo terminava uma campanha de 35 jogos em que a equipe do técnico José Poy venceu 26, empatou 7 e perdeu apenas 2.

Com a prorrogação do jogo de ontem, foram 3.180 minutos de futebol em que o São Paulo demonstrou ser a equipe melhor preparada para ficar com esse título, apesar de quase tê-lo perdido justamente nos últimos 120 desses minutos.

Para ser campeão, muito mais importante do que o acerto de Pedro Rocha, Serginho e Chicão na cobrança e as defesas de Valdir Perez nos pênaltis do jogo final, foi a virtude de variar o jogo conforme a capacidade do adversário durante todo o campeonato.

A campanha que se encerrou ontem no Morumbi também começou nesse estádio, a 2 de março, um domingo, com uma vitória fácil de 4 a 0 sobre o Paulista.

Depois, muitas histórias cercaram a longa campanha invicta do São Paulo. A primeira delas aconteceu logo no segundo jogo, 2 a 0 sobre o Comercial, em Ribeirão Preto, cidade que ficou revoltada com as declarações do médico Dalcídio Freire Gaspar, que estranhou a correria do Comercial e pediu a volta do exame antidoping.

Logo a seguir, no dia 8 de março, uma história triste: Liminha, o centroavante que viera do Atlético Paranaense para substituir Mirandinha, fraturava a perna num treino.

Quando foi preciso sorte, como no empate sem gols diante do Guarani, o São Paulo teve; quando foi preciso garra também teve, como na virada contra o Marília, que fez o primeiro gol do campeonato em Valdir Perez e perdeu de 2 a 1.

Ainda no primeiro turno, quando tudo estava indefinido, outra história curiosa: na noite de 16 de abril, em Vila Belmiro, o técnico José Poy resolveu colocar em campo o jogador Eron que viera emprestado do Internacional de Bebedou-

ro, para ver se o ataque conseguia alguma coisa contra a fechada defesa da Portuguesa Santista.

Eron entrou na metade do segundo tempo e ao final do jogo (40 minutos) fez o gol da vitória, um gol muito discutido, pois muitos diziam que ele estava impedido na jogada. Depois, Eron entrou em mais alguns jogos e acabou sendo devolvido ao Internacional.

Ganhando quase sempre e empatando às vezes, o São Paulo terminou o primeiro turno como campeão invicto, mas o técnico Poy, em algumas partidas, não escondeu seu descontentamento com a equipe.

— Quero que vocês nos desculpem — dizia ele no dia 18 de maio em Bauru, depois do empate sem gols com o Noroeste, que entregou as faixas de campeão do turno ao São Paulo — mas hoje nós não fizemos por merecer essas faixas.

O segundo turno, com apenas dez jogos, viu o São Paulo mais tranquilo ainda: foram oito vitórias e apenas dois empates, em clássicos, contra Portuguesa e Palmeiras.

O São Paulo foi o primeiro clube a se classificar para a fase final do segundo turno, que seria o fim de sua longa invencibilidade (47 partidas, sendo 39 de campeonato) no dia 7 de agosto: derrota para o Santos, por 2 a 1.

— Sabia que isso aconteceria, mais cedo ou mais tarde, mas não dessa maneira, sem luta — diria Poy, desconsolado.

Foi uma fase tumultuada e o próprio São Paulo concorreu para isso, entrando com uma interpelação na Federação contra a interpretação que esta dava ao regulamento do campeonato e querendo que o saldo de gols, para efeito de classificação, fosse o de todo o segundo turno e não somente da fase final.

Sob protesto, o São Paulo acabou disputando os dois jogos finais com uma vitória e uma derrota, ambas por 1 a 0, para conquistar o título na cobrança de pênaltis.

Fluminense, a derrota e o título.

O Botafogo jogou muito melhor e venceu por 1 a 0. Mas o Fluminense ganhou o título pelo saldo de gols.

O Botafogo jogou um bom futebol ontem à tarde no Maracanã, ganhou do Fluminense por 1 a 0, mas sua vitória foi absolutamente inútil: o Fluminense já entrara em campo com a vantagem de dois gols (favorecido por um regulamento incoerente) e saiu de campo com o título de campeão carioca de futebol. Um título que premiava a política de investimentos de categoria para reunir o melhor elenco do Rio.

Mas, como aconteceu na maioria dos clássicos do campeonato, o Fluminense jamais mostrou um mínimo de entrosamento entre os seus setores; e a superioridade individual dos jogadores acabou sendo igualada ou superada pelo entusiasmo e pela melhor estratégia dos adversários. Foi o que aconteceu ontem: o Botafogo, jogando com muita raça e sem pensar em ganhar por 3 a 0 (jogou com cautela, como se fosse uma partida de rotina) quase sempre superou o adversário a partir da construção de jogadas no meio-campo e teve mais facilidades em chegar à área. No primeiro tempo, Nilson e Fischer perderam boas chances e, se tivessem marcado, provavelmente o Fluminense correria o risco de uma séria humilhação.

O Fluminense teve suas melhores situações de gol através da velocidade de Cafuringa, que muitas vezes surpreendeu os zagueiros do Botafogo, mais preocupados na marcação a Rivelino e Paulo César, ambos muito imbuídos em campo. Mesmo assim, a zaga do Botafogo, com a volta de Valtencir, ganhou muito mais segurança e não teve problemas na luta contra o ataque do Fluminense. O pior momento do jogo para o Botafogo aconteceu aos 27 minutos do primeiro tempo, quando Rivelino, Paulo César e Cafuringa, na mesma jogada, tiveram chances de marcar e se precipitaram.

No segundo tempo, o Fluminense voltou apenas para manter o empate, jogando quase sempre com nove homens na defesa. E sua tor-

cida não gostou, pois foi ao Maracanã assistir ao show dos grandes craques e viu apenas um time preocupado em não levar gol. Mas levou, aos 22 minutos do segundo tempo: numa falta próxima à área, Ademir (o melhor da partida) cobrou com perfeição. A bola tomou grande efeito e enganou Félix. O Botafogo continuou atacando e, aos 28 minutos, Félix evitou outro gol, quando Fischer ir marcar de cabeça.

Nos minutos finais o Botafogo continuou melhor, o Fluminense dava apenas alguns contra-ataques, esperando o tempo passar para comemorar o título. No final, Rivelino foi carregado pela torcida, mas ele mesmo não travava grande alegria — disse que o título regional era muito importante na sua carreira, mas que preferia ter sido campeão com uma vitória. Além de não conseguí-la, Rivelino não convenceu em uma decisão: começou bem, fazendo bons lançamentos. Mas quando sentiu que a marcação do adversário era muito boa e as penetrações estavam difíceis, preferiu jogar mais defensivamente no segundo tempo — parecia mais um zagueiro do que um homem de armação de jogadas.

Menos pela sua campanha, apenas razoável, e mais pelo bom exemplo de contar com jogadores de fama e que levam público aos estádios, o Fluminense merece o título. No entanto, o equívoco em se fazer o título decidir por saldo de gols só pode ser comparável, em falta de imaginação, à decisão de São Paulo com seus eternos penáltis.

O Fluminense, campeão com Félix, Toninho, Silveira, Assis e Marco Antônio; Zé Mário, Carlos Alberto (Kleber) e Paulo César; Cafuringa, Manfiani e Rivelino. Botafogo: Ubirajara, Miranda, Chiquinho, Artur e Valtencir; Carlos Roberto, Ademir e Dirceu; Ezi (Purica), Nilson e Fischer; Juiz: Arnaldo César Coelho. Renda: Cr\$ 2.012.832,50, com 100.703 pagantes.



Rivelino (no jogo, rúm) e seu primeiro título regional.

Coritiba, pentacampeão

Com o empate de 0 a 0 com o Colorado, ontem, no estádio Belfort Duarte, em Curitiba, o Coritiba conquistou o pentacampeonato paranaense, e o 24º título estadual da história.

O jogo foi bastante equilibrado, mas o Colorado procurou mais o gol, porque o empate dava o título ao Coritiba. Com o título conquistado, o técnico Diede Lameiro deixa o Coritiba, que já acertou a contratação do técnico Paulinho de Almeida, que

assinará o contrato, amanhã, em Curitiba.

Na partida preliminar, o Atlético Paranaense venceu o União Bandeirante por 2 a 0.

O Coritiba jogou com Jailro; Hermes, Di, Ademir e Nilo; Victor Hugo e Osmarzinho; Plein, Eli, Moizeno e Luisinho (Kriger). O Colorado com Negri; Biro, Zequinho, Zé Carlos e Edson Medureira (Everaldo); Neri e Marinho; Galeno (Tonil), Têta, Neal e Genu. O juiz foi Bráulio Zanoto, e a renda foi de Cr\$ 433.381,00, com 32.156 pagantes.

Goiás campeão: 3 a 0 no Goiânia

No primeiro jogo o Goiás venceu por 1 a 0; no segundo houve empate de 0 a 0. E ontem, na última partida da melhor de três, o Goiás venceu o Goiânia por 3 a 0 e ficou com o título de campeão goiano de futebol. Os gols do Goiás foram de Rinaldo e Lincoln, aos 4 e aos 75 minutos do primeiro tempo, e Frazão de cabeça aos 27 do segundo.

O jogo ficou paralisado durante dez minutos, depois do

segundo gol do Goiás. Os jogadores do Goiânia reclamaram impedimento e Bill acabou sendo expulso por tentar agredir o bandeirinha Osmar Marques. Esta é a quarta vez que o Goiás fica com o título de campeão: ganhou pela primeira vez em 1966 e foi bicampeão de 71/72. Em 73, ele perdeu a decisão para o Vila Nova, o mesmo acontecendo em 74, quando disputou com o Goiânia e perdeu.

Goiás: Wandier, Triel, Macalé, Alexandre e Gilson; Matinha e Frazão; Lúcio, Pagheli (Zé Maria); Lincoln (João Carlos) e Rinaldo. Técnico: João Lacerda Filho (Barbatana). Goiânia: Nilson, Bané, Dama, Borges e Grilo; Maurício e Rogério (Robertinho); Wilson Andrade, Bill, Marco Antônio e Guilherme. Técnico: Gerson dos Santos. Juiz: José Mário Vinhas. Renda de Cr\$ 313.210,00.



Tubos de PVC Diaplast. Sustentando as bandeiras campeãs.

Parabéns, São Paulo, por mais um campeonato levantado. Agora é enrolar a bandeira e partir em busca do Brasileiro.

E onde quer que o "mais querido" entre em campo, lá estarão as bandeiras tricolores, tremulando em meio à espessa nuvem de pó-de-arroz e papel picado. Estas bandeiras foram campeãs dentro e fora do campo. Campeãs na bola, na renda e na raça.

Nós da Diaplast nos sentimos orgulhosos e recompensados. Nossos tubos de PVC ajudaram a levantar estas bandeiras bem alto, levando alegria a tanta gente.

Leves e resistentes, os tubos e conexões de PVC Diaplast estão presentes nos mais diversos setores:

irrigação, adutoras, esgotos, iluminação, telefonia e eletricidade. E nas mãos agitadas e felizes de cada torcedor são-paulino.

Os tubos e conexões de PVC Diaplast garantem funcionamento perfeito por toda a vida. E por muitos e muitos campeonatos.

diaplast S.A.

Avenida Prestes Maia, 483 - Diadema - São Paulo
Telefones: 445-1263 - 445-1319 - 445-1474 - 445-1532
445-1790 - 445-1855 - 445-1923 - 445-2930

LOTERIA

Jogo 1: Palmeiras e Fluminense, domingo no Pacaembu. O Fluminense, campeão carioca, perdeu ontem para o Botafogo por 1 a 0, mas é um time que sempre joga bem contra o Palmeiras. Jogo 2: Botafogo e Paissandu; sábado no Maracanã. O Botafogo, ontem, ganhou do Fluminense por 1 a 0 e é o favorito contra o time do Pará. Jogo 3: Atlético Mineiro e Corinthians; domingo à tarde, em Belo Horizonte. O Atlético atravessa uma boa fase e o Corinthians pouco mostrou no último campeonato paulista. Favoritismo para os mineiros. Jogo 4: Vasco da Gama e Grêmio; domingo à tarde, no Está-

dio de São Januário no Rio de Janeiro. O Grêmio sempre teve sorte em seus jogos no Rio de Janeiro e pode surpreender o Vasco. Coluna do meio. Jogo 5: Americano e Santos; domingo à tarde, na cidade de Campos, marcando a estreia do time de Campos no Campeonato Nacional. Ontem, perdeu para o Seleção local por 1 a 0. O Santos, apesar de sua má fase, é o favorito. Jogo 6: Comercial e Cruzeiro; domingo, na cidade de Campo Grande. O Cruzeiro é o favorito mesmo em campo adversário. Jogo 7: Goiânia e Ceub; o Goiânia, ontem, na decisão do campeonato, pediu para o Goiás por 3 a 0 e é o favorito, pois o Ceub está com uma equipe fraca. Jogo 8: Rio Negro e Nacional, no domingo, em Manaus. O Rio Negro é o campeão desta temporada e seu time está melhor. Jogo 9: América e Desportiva — domingo à tarde, em Natal. O América é o bicampeão do Rio Grande do Norte e a Desportiva, neste ano, perdeu o título para o Rio Branco. Coluna 1. Jogo 10: Fortaleza e Atlético Paranaense; domingo à tarde, em Fortaleza. O time local tem maiores possibilidades de vitória, pois o Atlético Paranaense que ontem ficou com o terceiro lugar no campeonato, atravessava uma fase negativa. Jogo 11: Campinense e Alagoano — domingo à tarde, na cidade de Campina Grande. As últimas partidas entre ambos, tanto na Paraíba, como em Alagoas, terminaram empatadas. Jogo sem favoritismo. Jogo 12: Vitória e Internacional — sábado à noite, no Estádio da Fonte Nova, em Salvador. O Vitória foi o segundo colocado no campeonato baiano e o Internacional foi campeão nos últimos sete anos. Outro jogo para empate. Jogo 13: Bahia e Flamengo — domingo à tarde, também no Estádio da Fonte Nova. No último jogo entre ambos, amistoso, o Bahia venceu por 2 a 0. Está atravessando uma longa série invicta, mas pode ser surpreendido pelo Flamengo.

TESTE 248 CRS 18.952.696,51-Prêmio

CLUBE	EMPATE	CLUBE	PREMIOS
1	X	2	1
1		BRAS	0
2		Aracatuba (SP)	0
3		Linense (SP)	0
4		Paranaense (SP)	0
5		Soc. José (SP)	0
6		AV. Nov. (RJ)	0
7		Estrela (SP)	0
8		Americano (RJ)	0
9		Westlins (MT)	1
10		Wacoa (AMAPA)	0
11		Guaianã (AMAPA)	2
12		Santos (PB)	1
13		Três (PB)	1

Foi um teste difícil este, com times desconhecidos e muitas zebras. O próximo já está mais fácil, com as partidas do Campeonato Nacional.

AMANHÃ NÃO É DOMINGO, MAS VOCÊ PODE FAZER 13 PONTOS.

CONSÓRCIO

CIBRAMAR

Você também está convidado para assistir amanhã, dia 19, às 20 horas à segunda reunião dos 3 primeiros grupos e à primeira reunião dos dois novos grupos Volkswagen e Passat, em nossa agência do Itaim: Rua Joaquim Floriano, 503. Aproveite: novos grupos estão se iniciando agora e não tem taxa de inscrição.



Administrado: GARAVELLO & CIA.
Autorização nº 0195-10/30 - 10/69 do Ministério da Fazenda

O CAMPEÃO

São Paulo garantiu nos pênaltis o que já devia ser seu: o título.

O São Paulo entrou em campo assustado, disposto a jogar na defesa e conseguir o empate para ser o campeão; tomou o gol aos 30 minutos, perdeu seu melhor jogador — Murici — aos 32, expulso por jogada violenta, e só então, comportou-se como um time que merece o título. Jogou com apenas 10, mas foi uma equipe valente, que não se amedrontou e foi à frente; e a Portuguesa, continuou jogando no contra-ataque durante os 45 minutos finais, e os 30 de prorrogação.

Esperava-se muito mais da Portuguesa depois de sua vitória no tempo normal, por 1 a 0. Imaginava-se que Oto Glória iria escalar Tião Abatiá em lugar de Antônio Carlos ou Wilsinho, que demonstravam cansaço, mas ele nada fez: mandou apenas que sua equipe fosse à frente, e seus jogadores tiveram medo. O medo significou a perda do título.

E até na cobrança dos pênaltis pôde-se notar a grande diferença que existe entre as duas equipes: o goleiro. Valdir Perez é muito superior a Zecão, e a qualquer outro deste Campeonato. Rocha marcou o primeiro, Dica não; Valdir voou no canto esquerdo e com a palma da mão esquerda mandou a bola para o lado. Serginho ganhou confiança, marcou o segundo; Wilsinho chutou fora. Chicão marcou o terceiro, e Valdir defendeu com os pés o terceiro pênalti, chutado por Tata.

Foi um jogo, durante o tempo normal, em que o São Paulo jamais mostrou o futebol que o levou a 39 partidas invictas neste Campeonato. Pedro Rocha era o desequilíbrio e para pior. Praticamente parado em campo, sem conseguir dar ritmo a equipe.

Pela Portuguesa, várias vezes Enéas driblou dois ou três beques, mas jogou isolado na frente. Fez o gol de cabeça aos 30 minutos, subindo sozinho. Em outra jogada chegou a driblar Valdir, aos 43 minutos, e perdeu o gol.

Por isso, o São Paulo que foi o melhor time de todo o Campeonato — primeiro e segundo turnos — merecia ser o campeão, em homenagem ao próprio futebol. Se a Portuguesa houvesse vencido — apesar de ser uma equipe taticamente organizada — seria a vitória do futebol simplesmente defensivo, do futebol-medo. Essa a lição que a Portuguesa leva deste Campeonato. Para o São Paulo, outra lição: o risco de ver toda sua campanha e seu esforço perdidos num único lance — o da expulsão de Murici.

Vital Botteglio

O São Paulo: Valdir Perez, Nelson, Paranhos, Samuel, e Gilberto; Chicão e Pedro Rocha; Terto, Murici, Serginho e Zé Carlos (Silva); Têcnica, José Fay. A Portuguesa: Zecão, Cardoso, Mendes, Colegari e Santos; Bodeco e Dica; Antônio Carlos, Enéas, Tará e Wilsinho. Têcnica: Oto Glória. No tempo normal: Portuguesa, 1 a 0, gol de Enéas aos 30 minutos; na prorrogação, 0 a 0; na decisão por pênaltis, São Paulo 3 a 0 (o São Paulo marcou os três primeiros, a Portuguesa perdeu os três, assim não foi necessário completar a série de 5). Juiz: Dulcídio Vanderlei Boschilla. Renda: Cr\$ 1.268.735,00, com 57.137 pessoas no Morumbi.



Rocha bateu seu pênalti, fez o gol, voltou ao meio campo, sentou-se no grama e não quis ver mais nada. Foi acordado pela festa.



Os campeões

- Valdir Perez Arruda:** 24 anos, goleiro, jogou 33 partidas, sofrendo 13 gols. Foi o melhor da posição no Campeonato. Ontem, depois de um 1º tempo inseguro, fez boas defesas e acabou como herói, pegando dois pênaltis. Nota 9.
- Nelson Batista Júnior:** 25 anos, lateral-direito. Jogou 34 partidas, mostrando muita regularidade, o que lhe valeu a convocação para a Seleção Paulista. Ontem não esteve bem, sendo envolvido muitas vezes por Wilsinho e apalmando pouco o ataque. Nota 5.
- Marivaldo Paranhos Prado:** 27 anos, zagueiro central. Jogou 32 vezes. Seu estilo duro e sem enfeites foi, muitas vezes, o responsável pela segurança da defesa do São Paulo. Ontem, estava fora da posição no lance do gol, mas foi bem no resto do jogo. 7.
- Samuel Arruda:** 26 anos, quarto-zagueiro. Jogou apenas 8 vezes. Sua posição original é a de zagueiro central, nas Foz, depois de sua boa atuação de quinto-ferro, resolveu mantê-la no time. Nervoso, não justificou a confiança. 4.
- Gilberto Ferreira da Silva:** 23 anos, lateral-esquerdo. Jogou 29 vezes e marcou 2 gols no Campeonato. Lançado em 1970 por Zézé Moreira, esse é o seu terceiro título paulista pelo São Paulo. Ontem, teve atuação discreta, pois quase não pôde atacar. Nota 6.
- Francisco Jesuíno Avanzi (Chicão):** 26 anos, médio volante. Jogou 29 vezes e, com avançadas inesperadas, marcou 5 gols no Campeonato. De estilo duro e eficiente, saiu algumas vezes do time por causa de cartões amarelos. Ontem, com a saída de Murici e Zé Carlos, guardou posição. 6.
- Pedro Virgílio Rocha Franchetti:** 32 anos, meio armador. Jogou 32 partidas. Já foi campeão paulista pelo São Paulo em 1971. É o capitão e comandante da equipe em campo. Marcou 11 gols no Campeonato. Ontem, cansou demais e pouco fez. 5.
- Tertuliano Severiano dos Santos (Terto):** 28 anos, ponta-direita. Jogou 34 vezes e marcou 6 gols no Campeonato. É o melhor atacante, e dos melhores na posição no futebol paulista. Ontem, sem Murici ao seu lado, não conseguiu muito coisa. 5.
- Murici Romalho:** 19 anos, ponta-de-lança. Jogou 31 vezes e marcou 4 gols. Começou no São Paulo e foi a grande revelação deste Campeonato, com um futebol muitas vezes brilhante. Ontem, vinha bem até se perder, por inexperiência, e ser expulso. Por isso, nota 4.
- Sérgio Bernardino (Serginho):** 21 anos, centroavante. Jogou 29 vezes e foi o artilheiro do Campeonato com 22 gols. Aprimorando seu estilo de goleador, superou com méritos a ausência de Mirandinho e Liminha. Ontem, isolado, pouco pôde fazer. 5.
- José Carlos Serrão (Zé Carlos):** 24 anos, ponta-esquerda. Jogou 23 partidas. Originalmente é meio-direito, adaptou-se muito bem à sua nova posição, criando espaços para os companheiros. Marcou dois gols no Campeonato. Ontem, foi regular até sair. 6.
- Antônio Carlos da Silva:** 23 anos, meio armador. Um dos reservas preferidos do técnico Fay por sua técnica. Jogou 11 vezes no Campeonato. Ontem, entrou para defender e estabilizar o meio-campo, o que conseguiu apenas em parte. Nota 6.

Todos que têm parte no título

Além dos 12 jogadores que ontem enfrentaram a Portuguesa, o São Paulo utilizou mais 13 para disputar as 35 partidas que lhe deram o título de campeão paulista de 1975. O mais importante deles, sem dúvida, é Arlindo, Quarto-zagueiro titular (jogou 30 partidas), saiu do time por suspensão, perdendo a posição para Samuel, que foi bem contra o Corinthians, na última partida da fase final do segundo turno e contra a Portuguesa na primeira partida das finais. Outro reserva importante foi Mauro, que jogou 20 partidas e marcou 4 gols no Campeonato, entrando em quase todas as posições do ataque. Ademir (14 jogos), Piau (11 jogos, 1 gol) e Forlan (10 jogos) foram os outros reservas que garantiram a estabilidade da equipe quando entraram. E, com menos de dez jogos, o São Paulo utilizou: Liminha (4 jogos, 1 gol), Eron (4 jogos, 1 gol), Osmar (2 jogos), Paschoalim (goleiro, 2 jogos, sofreu 3 gols), Mário (1 jogo), Paulinho Moisés (1 jogo), Rubinho (1 jogo) e Zé Roberto (1 jogo). Dos sessenta gols marcados pelo São Paulo (a defesa sofreu 16), um, de China do Noroeste, foi contra.



Os vice-campeões

- Zecão:** esteve bem, mas ainda insiste em dar socos em bolas que poderia agarrar. 6.
- Cardoso:** muito vigor físico e razoável eficiência no apoio. Atacou mais do que defendeu. 7.
- Mendes:** jogou com seriedade, sem enfiar, procurando sempre afastar a bola de sua área. 6.
- Colegari:** salvou um gol e conseguiu ganhar de Serginho em muitas bolas altas. 6.
- Santos:** o mais fraco dos zagueiros muito inseguro no início, mas melhorando com o saída de Murici. 5.
- Bodeco:** quando precisou atacar esteve indelicado. Defendendo, depois do gol, foi muito bem. Nota 7.
- Dica:** seu maior mérito foi o de enervar o São Paulo e provocar a expulsão de Murici. 6.
- Antônio Carlos:** típico jogador de esquemo, cumpriu bem suas funções no time. Nota 6.
- Enéas:** um bonito gol e muitas jogadas perigosas, perdidas pelos companheiros. Nota 8.
- Tará:** deslocou-se, corre muito; mas complicou-se na hora de concluir as jogadas. Nota 4.
- Wilsinho:** esteve bem, possuindo várias vezes por Nelson, mas sua cobrança de pênalti foi ridícula. 6.

Dulcídio, perto da perfeição.

Dulcídio Vanderlei Boschilla não permitiu que se repetisse ontem no Morumbi a atitude com que os dirigentes acompanharam a maior parte do Campeonato Paulista: reclamações contra o arbitragem. Sua atuação foi quase perfeita. Inclusive no momento mais importante do jogo: aos 32 minutos, quando expulsou Murici (por uma entrada violenta contra Dica). — É verdade que Murici não atingiu Dica, mas a violência do lance exigiu o cartão vermelho — explicou Dulcídio, depois do jogo. Outra explicação de Dulcídio: no mesmo lance, não mostrou cartão vermelho (por engano) para Santos e Terto. Apenas procurou mostrar a eles que Murici estava expulso — e, depois, deu-lhes cartão amarelo, pela reclamação. Na verdade, Dulcídio procurou dominar os jogadores desde o início: aos 6 minutos mostrou cartão amarelo para Dica, por uma falta até certo ponto comum sobre Zé Carlos — e manteve o controle do jogo durante o tempo todo, inclusive na prorrogação. Teve boa ajuda de Romualdo Arpi Filho (muito preciso na marcação dos impedimentos) e menor colaboração de Armando Marques, que — embora discreto — errou ao marcar um impedimento inexistente de Serginho. Um único lance que poderia gerar discussão: uma bola na mão de Santos, dentro da área, aos 40 minutos — e Dulcídio, corretamente, nada marcou. Até nisso, teve sorte: o São Paulo não precisou desse lance para sair campeão.

O CAMPEÃO

Esse jogo pagou os pecados de Poy

No altar florido e no campo, o time inteiro rezou e chorou.

Paschoalim nem quis ver a cobrança dos pênaltis sem desprezar a pontaria e a tranquilidade de Pedro Rocha, Serginho e Chicão, ele confiava um pouco mais em Nossa Senhora Aparecida, Santo Antônio e Jesus Cristo, a quem fez três orações ao mesmo tempo, no pequeno altar montado nos vestiários do São Paulo — que ontem estava mais florido que de costume.

Paschoalim estava tão concentrado em suas orações que nem viu a festa começar. Pedro Rocha, depois de defender, com gritos e empurrões, a camisa que usou durante o jogo, e de beber champagne diretamente no gargalo de uma garrafa de cinco litros, entrou chorando nos vestiários, abraçando todo o mundo, dando entrevistas, conversando com parentes e agradecendo a Deus ao mesmo tempo.

— Fomos os melhores em tudo. Graças a Deus pudemos mostrar que somos os melhores — foi uma das poucas frases que pôde dizer por inteiro.

O presidente Henri Aïdar estava muito alegre, garantia que nem havia pensado no prêmio dos jogadores, mas mandava um aviso a Federação: "Não há de ser por que conquistamos este título que vamos abandonar nossos recursos no TJD. Vamos levar adiante tudo que começamos". Chicão estava só de sunga e faixa, pois perdeu as chuteiras, as meias, o calção e a camisa para os torcedores. Se alguma coisa deixava Chicão bastante orgulhoso, ontem, era sua calma para bater o pênalti.

— Eu sempre bati pênaltis nas horas decisivas e nunca errei. Quando ajeitei a bola e corri para o chute, sabia que ia marcar. No interior eu já fazia dessas coisas.

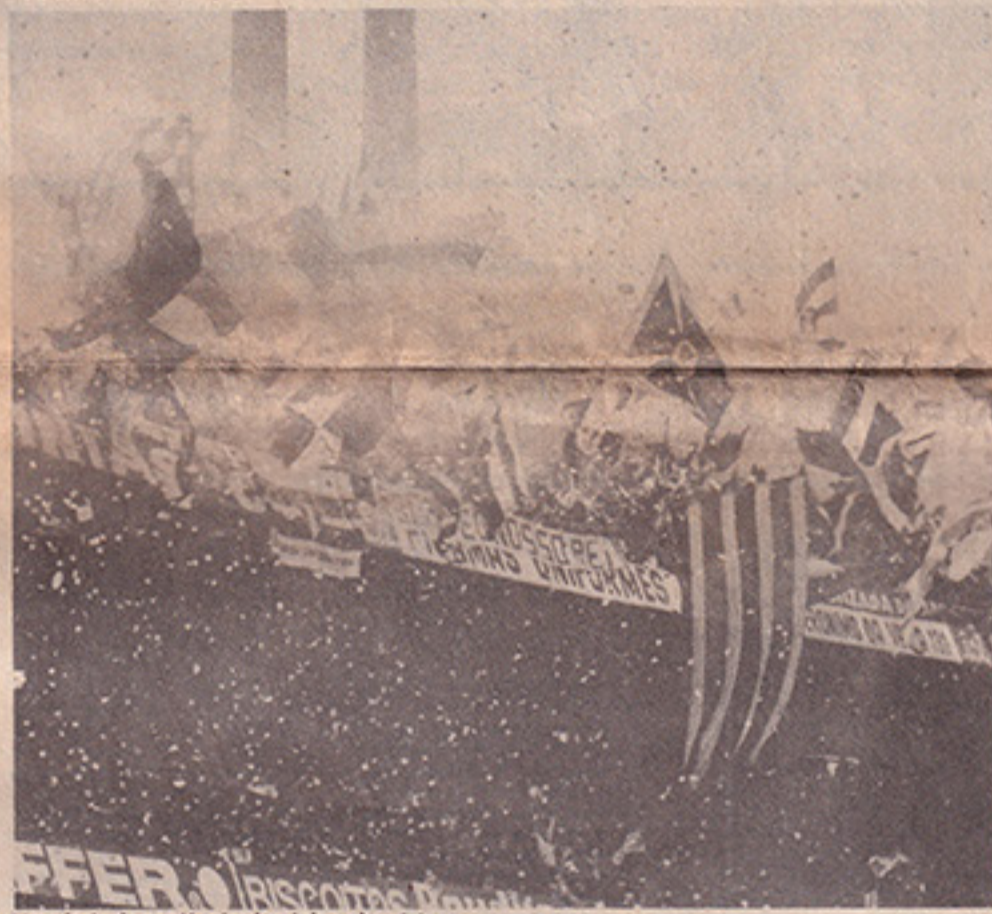
Mas nem todos os jogadores do São Paulo estavam tão seguros assim. Sentados no círculo central, eles faziam foga, torciam e rezavam. Só depois do primeiro chute — o de Rocha —, foi que Samuel dispensou sua oração: "Então eu já tinha a certeza de que não poderia dar outra coisa. Até aquela hora, tudo podia acontecer. Não sei por quê, mas vi o Rocha bater, tão bem, e com tanta calma, que tive certeza: o título já era nosso. A partir dali, eu já estava comemorando".

Serginho correu para a bola com bastante calma, chegou aos vestiários todo empolgado, mas depois do banho já havia sossegado outra vez. Ele, que antes do jogo nem queria lembrar os dois títulos que perdeu, quando era juvenil, "para não dar azar", não conseguia explicar os motivos de sua tranquilidade — e de todos os jogadores do São Paulo —, na cobrança dos pênaltis. "Talvez tenha sido o acaso, as nossas conversas na concentração, o treinamento que fizemos no sábado".

O São Paulo é um clube formal, com normas bem rígidas de comportamento para jogadores, dirigentes, jornalistas e torcedores. Mas, ontem, todos haviam perdido um pouco da etiqueta: podia-se ver elegantes senhores com a cara e as roupas cheias de pó de arroz, disputando um autógrafo dos jogadores sem a menor compostura. Em poucos minutos, o vestiário ficou cheio de gente dando "burras, vivas e pique-pique". Mas a emoção de Paranhos ainda não havia passado, ele contava que, antes de cada cobrança de pênalti, "havia dado uma rezadinha". Chorando, mas com muita saudade de ver "minha neguinha, ela está com a barrida desse tamanho". Paschoalim contava: "Rezei pedindo justiça: que o São Paulo fosse campeão".



Valdir: o melhor do jogo.



Uma festa de papéis picados, falco e bandeiras.



Poy: "seria um crime não ganhar".



Rocha: a emoção, no fim.



Rocha: o primeiro pênalti.

1 Antes da prorrogação, Henri Aïdar, presidente do São Paulo, chamou a atenção dos repórteres para sua mais recente descoberta em matéria de falhas nas leis do jogo. Para ele, a prorrogação seria uma nova partida e Murici, que tinha sido expulso, passava a cumprir suspensão automática e por isso Ademir podia entrar em seu lugar. Dulcídio e seus auxiliares riram muito dessa interpretação. Pedro Rocha não gostou e quis até protestar por escrito, no verso de uma simula. Armando Marques mandou-o protestar na Federação.

2 Os velhos conhecedores dos segredos de defender um pênalti (Poy, por exemplo) sabem que, nesse momento, vale mais a catimba do que a agilidade de um goleiro. Zecão desconhecia essa regra, não conversou com nenhum atacante do São Paulo e só cometeu uma única irregularidade: saiu do gol no chute de Chicão. Ao contrário, Valdir, bom aluno de Poy, fez questão de usar todos os ensinamentos: enervou Dica ("Eu já joguei com você três anos, sei muito bem onde vai chutar"), deixou Wilzinho ainda mais nervoso ("O Dica já

errou, agora é a sua vez"). Tatá foi o único que não aceitou a conversa do goleiro do São Paulo, enquanto ia até o gol, não permitindo que Valdir colocasse a mão em seu ombro. Mas já era tarde. Valdir nem precisava mais catimbar, pois Tatá estava suficientemente nervoso com os pênaltis que Dica e Wilzinho tinham desperdiçado. Wilzinho, o segundo a errar, dizia: "Não foi só o Dica o culpado, embora se ele marcasse as coisas podiam ser diferentes".

3 O movimento no posto da Polícia Militar e no ambulatório do Morumbi não foi digno de uma decisão do Campeonato Paulista: no posto, setenta detenções, como sempre por causa de roubos e brigas; no ambulatório, 20 casos atendidos, a maior parte de pouca gravidade. No posto, quando o jogo acabou, os policiais ainda não sabiam o que fazer com cerca de 500 rebojes apreendidos de quatro torcedores da Portuguesa. Os fogos estavam escondidos em dois tambores que eram carregados com muito esforço.

4 Logo que Murici atingiu Dica com um violento pontapé, os jogadores da Portuguesa correram enquanto Rocha e seus companheiros tratavam de protegê-lo. Dulcídio, depois de expulsar Murici, chamou Terto, que havia trocado empurrões com Santos e ameaçou: "Na próxima vez, vou tirá-lo de campo". Ao repetir a ameaça para Santos, ficou surpreso com a resposta do lateral: "Na próxima não, eu já estou expulso. O senhor está mostrando o cartão vermelho seu jeito, Dulcídio baixou lentamente a mão, disparçou um pouco esperando a

situação acalmar e, depois, com os dois jogadores frente a frente, puzou o cartão certo. Depois da expulsão de Murici, Pedro Rocha sentiu que o juiz não teria mais coragem de tomar outra medida idêntica contra o São Paulo. Os jogadores da Portuguesa passaram a chamá-lo então de "Juiz do árbitro". Segundo Badoço, logo após o lance Murici-Dica, Rocha deu-lhe um soco no queixo. Mas Badoço, percebendo suas intenções, não reagiu: "Mas, se eu fosse expulso, paranto que levaria o Rocha comigo. Iria agarrar-me com ele, forçando-o a reagir".

Quando Pedro Rocha marcou o primeiro gol na decisão por pênaltis, o técnico Poy jogou a toalha para o alto e, abraçado com o presidente Henri Aïdar, pulando, começou a comemorar a conquista do título. E a cena se repetiu a cada gol marcado pelo São Paulo e a cada chute errado (ou defendido por Valdir Perez) pela Portuguesa.

— Campeões. Agora sim podemos dizer: somos os campeões paulistas de 75 — gritava Poy a quem estivesse por perto.

Entre dezenas de torcedores que brigavam por seu autógrafo e vários diretores e conselheiros que disputavam sua atenção, Poy, o técnico campeão, abraçava e agradecia a todos. E pouca importância tinha se os abraços eram para os elegantes e perfumados dirigentes, ou se eram para aqueles simples torcedores, que vestiam a camisa velha do São Paulo.

— Muito obrigado a todos — repetia Poy. A torcida, que sempre nos incentivou; à diretoria, que sempre nos prestigiou; e, em especial, aos jogadores, que sempre defenderam o nome do clube com amor e dedicação. Esse título pertence a todos, desde o nosso mordomo até o presidente. Todos tiveram seu trabalho e também merecem ser lembrados agora.

Poy demorou mais de quinze minutos para atravessar o túnel que dá acesso ao vestiário. Mas quando lá chegou, cumprimentou todos os jogadores, um por um, e desabafou:

— Seria um crime se o São Paulo não ganhasse esse título. Nós fomos os melhores: melhor ataque, melhor defesa, melhor artilheiro, melhor conjunto. Me desculpem a falta de humildade neste momento, mas fomos o melhor em tudo. Merecemos esse título.

Em algum momento do jogo você sentiu a angústia de estar perdendo o título?

— É claro que sim, mas sempre confiei em meus atletas. E nossos jogadores foram verdadeiros leões. Olha se eu tinha algum pecado para pagar, depois desse jogo já está pago. Nunca sofri tanto na minha vida.

A saída de Murici foi a principal razão disso?

— A principal. Ele é um jogador importante, dá ritmo ao time. E apesar de o Dulcídio ter apitado com perfeição, acho que ele não deveria ter expulso o Murici. Um cartão amarelo já seria um bom castigo. Afinal, ele deveria refletir e ver que tratava-se de uma decisão.

Qual o grande segredo do São Paulo, que além de ter feito uma campanha sensacional, ainda ganhou o título?

— Espírito de luta, dedicação e disciplina. E eu tive a sorte de trabalhar com jogadores que, acima de tudo, são homens. Eles próprios, quando perderam a Libertadores, fizeram o juramento: seremos campeões. E o principal, é que eles conseguiram cumprir esse juramento.

Você poderia destacar algum deles?

— Todos, no meu ponto de vista, merecem os cumprimentos. Mas esse menino Zé Carlos é demais: ele passou a maior parte do campeonato contido, jogou algumas vezes sacrificado e chegou até a concordar com o adiamento de sua operação. Entende? O ambiente no São Paulo é de união, um procura ajudar o outro. E a recompensa é o título.

Você já tem planos para o Campeonato Brasileiro?

— Sim, mas acho que agora não tenho mais condições emocionais para falar. Só posso garantir uma coisa à nossa torcida: vamos continuar nosso trabalho, com muita humildade e dedicação, e partiremos para o Campeonato Brasileiro para o vencedor. Não é nenhuma promessa, mas hoje, depois desse título, os jogadores serão mais experientes e confiantes. Um título dá muita moral. Nós precisávamos dele.

O GOL

A jogada saiu pela esquerda. Wilzinho dominou a bola e levantou a cabeça: estava exatamente na direção da risca da grande área. Notou que Enéas estava entre Paranhos e Samuel e fez o levantamento perfeito. A bola encobriu Paranhos e foi para Enéas, que subiu sozinho e cabeceou com perfeição, do canto direito de Valdir — e este ficou sem possibilidade de defesa.

Os derrotados

O São Paulo mereceu. Opinião de Oto Glória.

Oto Glória não parecia um técnico perdedor, ontem no vestiário da Portuguesa. Muito cumprimentado por torcedores e pelos diretores do clube, em alguns momentos ele chegou até a sorrir, comentando a boa campanha de seu time e o jogo de ontem, que também considerou bom.

— Meu time teve uma boa atuação e ganhou o jogo. Na prorrogação, tentamos o gol de todas as formas, mas o São Paulo defendeu-se muito bem. Treinar cobrança de pênaltis, Oto diz que treinou e muito:

— Não acho que a catimba de Valdir Perez tenha influido no ânimo dos meus jogadores. Acho que foi o nervosismo deles mesmo que atrapalhou na hora de cobrar os pênaltis. Se não estivessem nervosos, eles teriam

feito o que fazem nos treinos e nós seríamos campeões.

Ele considera essa fórmula de disputa um absurdo.

— Esse é o resultado de um futebol profissional ser administrado por poetas. Um campeonato longo e duro como esse ser decidido em pênaltis não é direito. E não é desonra nenhuma perder um campeonato para o São Paulo na disputa de pênaltis e é um motivo de satisfação saber que, em três anos que estou aqui, o time chegou a duas finais.

Para Oto, a final não poderia ter sido outra:

— Essas foram, sem dúvida, as duas melhores equipes do campeonato, sendo que a campanha do São Paulo foi ainda mais regular do que a nossa. Portanto, para mim, o título está em boas mãos.

E ele ainda fez questão de dizer que nada tem a reclamar depois da derrota final.

— Protesto, eu? Eu não sou cartola, não faço do futebol escada para nada. Sou apenas um profissional que faz o seu

trabalho. Protesto é coisa de cartola.

Oto só se alterou com o juiz Dulcídio Vanderlei Boschilla, que o expulsou de campo:

— Quando ele apitou uma falta de Enéas, dentro da área do São Paulo, nosso diretor, o Silvio Moredo, protestou e ele, como nada pode fazer contra diretor porque sabe que perde na Federação, virou-se contra mim e me chamou de garoto. Eu respondi na mesma moeda porque ele acha que, dentro do campo, também é polícia e não um simples juiz.

Antes de deixar o vestiário, Oto confirmou a proposta do Fluminense (hoje, Domingos Bosco, representante do Clube carioca, vai insistir nela), mas disse que preferia ficar em São Paulo e que a Portuguesa vai querer que ele fique, tanto que já comentou prováveis contratações para o Campeonato Nacional.

Além do Jacinto João, que finalmente vai poder jogar, vou pedir um ponta direita, um zagueiro central e um jogador de meio-campo.

Este time também se considera campeão

Sem ofensas ao juiz ou revolta contra o título perdido, os jogadores da Portuguesa apenas elogiavam o São Paulo, considerando justo o título conquistado nos pênaltis. Mas sentiam-se também campeões paulistas. Desta vez, o presidente Osvaldo Teixeira Duarte, o único que costuma se manifestar contra os juizes, nem tinha aparecido no vestiário.

Dica, reconhecendo que o São Paulo tinha feito uma grande campanha, dizia que, quando a prorrogação terminou, sentiu-se derrotado, pois a Portuguesa não tem grandes chutadores.

Zacão comentava, um pouco antes, que o fato de Dica, o melhor chutador do time, errar um pênalti, acabou ti-

rando a confiança dos demais. Mas Dica se defendia dizendo que já marcou muitas vezes e que um dia teria mesmo que errar:

— Infelizmente, foi na decisão do título. Que posso fazer?

Badoço, o líder do time, fez questão de passar nos vestiários do São Paulo para cumprimentar seus jogadores. Mas não se sentia derrotado:

— Perder o título nos pênaltis não é vergonha. Vergonha é decidir um título desta maneira. Enquanto no Rio São disputadas novas partidas em caso de empate, aqui os dois times ficam se arrastando no campo, esperando decidir nos pênaltis. É o mesmo que jogar o título num par ou impar. Por isso, acho que somos campeões também.

Enéas, muito cansado, e mostrando dois ferimentos na perna, ainda tinha ânimo para sorrir pelo "o São Paulo ficou com o título e a Portuguesa com a vitória e o bicho do jogo".

Como seria o último jogador

de seu time a bater os pênaltis. Enéas observou bem os erros dos companheiros. Na sua opinião, o forte de Valdir é o lado esquerdo, exatamente onde Dica e Tatá chutaram:

— É preciso fazer uma escolinha no Canindé para o pessoal aprender a chutar — dizia em tom de brincadeira.

Antônio Carlos também achava um absurdo decidir um campeonato nos pênaltis e dava uma sugestão bastante suspeita: "fazer um novo jogo ou proclamar os dois times campeões". O São Paulo, na sua opinião, descontrolou-se bastante no primeiro tempo, a ponto de perder Murici por causa de uma falta desnecessária. No intervalo, o técnico Oto Glória mudou completamente o jogo ao mandar que Dica marcasse Chicão:

— Bloqueando Chicão, Rocha e Serginho nada puderam fazer, pois ficavam isolados e o São Paulo jamais conseguiria, desta maneira, fazer um gol.

O MAIOR CAMPEONATO

Série D

Vasco, o campeão Brasileiro do ano passado, representante carioca do Grupo D. O São Paulo, que ontem conquistou o campeonato paulista, é o representante de São Paulo — um representante que se queixa muito de cansaço. Os outros componentes desse grupo são: Internacional, Bahia, Náutico, Sport, Goiás, Ceub, Americano, CSA e Desportiva. Um fato inédito neste grupo: o Espírito Santo conseguiu a união de torcidas rivais, em torno do seu representante, a Desportiva. O Rio Branco, que ficará de fora, vai emprestar jogadores à Desportiva, e as duas torcidas, grandes inimigas, já estão se dando muito bem. O CSA, de Alagoas, último colocado no ano passado, volta reforçado (e também muito indvidado), para tentar pelo menos um lugar honroso.

Enfim, um time atrás de muitos gols.

Se depender do seu novo técnico, Alencar, contratado há poucos dias, em substituição a Zezé Moreira, o Bahia vai ser um dos times mais agressivos do Campeonato Brasileiro. Enquanto outros técnicos falam em futebol moderno, em táticas revolucionárias, o ex-artilheiro do Ceará, do próprio Bahia (no início da década de 60), e mais tarde do Palmeiras, reuniu logo seus jogadores e resumiu o que quer numa única palavra: gol.

No dia da apresentação, os torcedores mais antigos lembravam na Fonte Nova de quando a torcida do Ceará ameaçou incendiar o Estádio

leza, quando soube que Alencar seria vendido ao Bahia. E tentavam convencer alguns dos jogadores de que os gols de Alencar é que levaram o Bahia à conquista da Taça Brasil de 1963.

Diante de tantos comentários, Alencar ganhou moral neste fim de semana e aproveitou para exigir mais ainda o futebol ofensivo, "principalmente agora que a CBD nos dá essa vantagem de três pontos ganhos pela diferença de dois gols". E tudo isso foi bem recebido, mesmo pelos jogadores mais velhos, como Roberto Rebouças, o quarto-zagueiro titular de 37 anos de idade.

O único recelo de Alencar nesse time que tem Bejoca como o grande artilheiro: o seu companheiro, Douglas, é craque, mas tem o apelido de canela de vidro, tanto ele foge das jogadas mais violentas.

Os jogos: domingo, Flamengo (em casa) dia 27, Portuguesa (fora) dia 28, Santos (f) 29, Vitória (f) 30, Sergipe (f) 31, América RN (f) 17, Grêmio (f) 21, Santa Cruz (f) 22, Goiás (f) 23, Campinense (f) 24, Figueirense (f) 25.



CEUB

A CBD quer Médiç; o Ceub prefere o Pelezão.

O problema maior do Ceub já foi resolvido: um técnico Marinho, pai adotivo de Paulo César, do Fluminense, e pai de Verdade de Fred, que jogou no Flamengo (e que também pode ser contratado), já está trabalhando. Resta agora ao Ceub saber onde vai jogar.

Os jogos: domingo, Goiás (fora) dia 28, Figueirense (f) 29, Grêmio (f) 30, Portuguesa (f) 31, Campinense (em casa) dia 17, Vitória (f) 17, Flamengo (f) 21, América RN (f) 22, Santa Cruz (f) 23, Santos (f) 24.

CND

Sanfona, futebol total, cavadinha. E o Náutico.

Vicicampeão pernambucano, o Náutico é um time cheio de táticas, mistérios e nomes esquisitos para seus esquemas de jogo. Assim, enquanto o técnico Orlando Fantoni anuncia para este Campeonato Brasileiro um estilo de jogo não muito novo e original — 4-2-4 —, também diz que o esquema pode variar, caso seja atacado demais, ou tenha que atacar com mais intensidade. Aí, o esquema é a Sanfona.

— Ou então o Futebol Total — explica o técnico —, com todos atacando e todos defendendo.

O futebol moderno, mesmo com outras denominações, chegou realmente ao Nordeste.

Ve. O Náutico, por exemplo, tem um lateral, Agostini, e França, que apóiam com certa perfeição, principalmente Miguel, perigoso nos chutes ao gol. Juca Show é o libero e os pontas, Balano e Lima, também sabem recuar.

— Mas eu gosto mesmo quando eles entram na área e tentam a cavadinha — diz Fantoni.

Outro jogador importante, principalmente nas cavadinhas (a arte de cruzar bolas com efeito), é o ponta Dedeu, sempre guardado para o 2º tempo, quando geralmente decide os jogos (esse é o grande segredo). Neneca, ex-América de Minas, e Jorge Mendonça e Paragual, os dois homens de frente, são os grandes destaques desse time que está aborrecido por não poder jogar no seu Estádio dos Afritos, pequeno demais.

Os jogos: domingo, Sergipe (fora) dia 27, Flamengo (em casa) 28, Campinense (f) 29, Goiás (f) 30, Grêmio (f) 31, Figueirense (f) 17, Santos (f) 21, Vitória (f) 22, Santa Cruz (f) 23, Portuguesa (f) 24, América RN (f) 25.

O Flamengo que se cuida: quinta, um leão em campo.

O juiz Sebastião Rufino pode ter errado ao não marcar um pênalti em Jorge Mendonça e outro em Balano, ou ainda ao anular o gol de Dedeu, na decisão do domingo retratado. O Náutico pode entrar com quantos recursos quiser nos tribunais, que nada disso diminuirá a motivação do Sport Club Recife, finalmente campeão pernambucano, depois de 12 longos e sofridos anos de espera.

Mesmo que depois lhe cassem o título, o time de Duque já ganhou moral — e o Flamengo que se cuida nesta quinta-feira, quando os dois times vão estreiar no Campeonato Brasileiro. O campeão pernambucano, também

rubro negro, mesmas camisas com listras horizontais (a única diferença é o leão dourado no peito), vai entrar no Maracanã disposto a provar que é campeão.

Em princípio, o Sport joga num 4-3-3 tradicional pela esquerda, com o ponta Peri recuando, e existe uma outra opção, mais defensiva, com a saída de Peri e a entrada do português Perez, no meio-campo. Mas Duque continua com a sua velha filosofia de que "não existem esquemas e o jogo sempre é decidido na hora, de acordo com o adversário".

A maior atração do Sport: o centroavante Dário que ainda quer provar, ao seu ex-time, e ao público carioca, que o Maracanã seria mais alegre com ele, com seus gols, os gols que lhe deram o primeiro lugar entre os artilheiros do campeonato pernambucano deste ano (marcou 32).

Os jogos: quinta-feira, Flamengo (fora) domingo, Figueirense (f) dia 27, Sergipe (f) 29, América RN (f) 30, Campinense (em casa) 14, Grêmio (f) 17, Campinense (f) 25, Portuguesa (f) 26, Santa Cruz (f) 27, Vitória (f) 28, América RN (f) 29.

A primeira rodada

Quarta-feira — em Curitiba, Atlético (PR) e Botafogo; no Maracanã, Fluminense e Coritiba; no Pacembu, Corinthians e América (RJ); em São Luís, Moto Clube e Paysandu; em Fortaleza, Fortaleza e América (MG); em Manaus, Rio Negro e Tiradentes; em Macéió, CSA e Grêmio; em Porto Alegre, Internacional e Figueirense; em Goiânia, Goiás e Santos; em Aracaju, Sergipe e São Paulo; em Vitória, Desportiva e Vitória. Quinta-feira — no Parque Antárctica, Palmeiras e Guarani; no Maracanã, Flamengo e Sport Recife.

SPFC

Um campeão cansado, muito cansado.

Não é difícil adivinhar como o São Paulo vai começar o Campeonato Brasileiro: cansado, muito cansado. Certo, o jogador que costuma reclamar de tudo, (não perdoa nem os funcionários que carregam macas nos estádios), deve chegar ao Morumbi, terça-feira, momentos antes do embarque para o Nordeste, reclamando uma folga maior para descansar.

Mas o ambiente do São Paulo anda tão bom, por esses dias, que nem a derrota nas finais do campeonato paulista seria capaz de mudá-lo. Ninguém vai ligar muito para as queixas de Terto, todos vão preparar as brincadeiras para a chegada no Aeroporto, quando ele ficar indeciso, suar um pouco, começar a fazer perguntas sobre o tempo, o horário de voo, tudo para disfarçar seu medo de andar de avião.

O técnico José Poy não esconde sua tranquilidade para enfrentar os times desse Brasileiro: "A diferença de categoria, entre nosso futebol e o deles é muito grande. Os jogos devem ser bem mais fáceis do que no Campeonato Paulista. Se fomos bem aqui, teremos de ir bem no Brasileiro".

Poy conta com 3 goleiros (Valdir Perez, Paschoalim e Alfredo); 13 zagueiros (Arlindo, Gilberto, Mário, Paranhos, Osmar, Nelson, Forlan, Samuel, Ze Luís, Marco Antonio,

Reginaldo, Ribas e Vinícius); 7 armadores (Ademir, Silva, Chicão, Ze Carlos, Rocha, Alcides e Viana); e 10 atacantes (Liminha, Mauro, Murici, Mirandinha, Serginho, Piau, Terto, Ze Serginho, Milton e Valtinho) para jogar no Nacional. São 23 profissionais, 10 amadores.

Dos profissionais, quatro não foram inscritos: Rubinho, Paulo Molisés, Ze Roberto e Coquinho, que nem terminou seu empréstimo para deixar o clube, indo para o Comercial de Campo Grande.

O esquema de jogo não deve mudar muito, mas as substituições deverão ser constantes. Mirandinha, que pode estar de fora dentro de um mês, é um sério candidato ao lugar que pertence a Serginho, e que Liminha, assim que estiver completamente curado de sua entorse no tornozelo, também vai disputar. Na defesa, a disputa mais interessante deve ser entre Samuel (que andou jogando bem, nas finais) e Arlindo, há alguns anos como titular, pela quarta-zaga. Voltando de um resfriado, sem muita disposição para os treinos, Forlan não consegue ameaçar o lugar de Nelson.

O São Paulo falou em contratações, anunciou algumas como certas — como Serginho, do Saad —, mas ninguém foi inscrito na sexta-feira.

De qualquer maneira, só na fase final do Campeonato não é possível fazer substituição na lista de 25 profissionais e 15 amadores (o máximo permitido pelo regulamento). Assim, se não conta com nenhuma novidade para o primeiro, o São Paulo pode fazer contratações e aproveitá-las, no segundo em diante.

Os jogos: quarta-feira, Sergipe (fora) domingo, Santa Cruz (f) dia 27, Campinense (f) 28, América RN (f) 29, Goiás (em casa) 30, Vitória (f) 31, Figueirense (f) 17, Figueirense (f) 21, Grêmio (f) Santos (f) 25, Portuguesa (f) 26.

Otimismo exagerado, mas só em entrevistas.

Campeão do Nacional de 1974, embora o torneio tenha sido disputado sem os melhores jogadores dos clubes (eles estavam servindo à Seleção Brasileira na Copa da Alemanha) já há alguns anos o time do Vasco vem-se sustentando nas competições regionais e nacionais com a mesma fórmula: um esquema de jogo defensivo, apolo em contra-ataques rápidos e em uma linha de zagueiros que costuma intimidar os adversários com jogadas violentas.

O técnico Mário Travaglini já fez vários relatórios aos seus dirigentes, pedindo contratações: falta-lhe um lateral esquerdo, um jogador de talento para o meio-campo e um ponta-direita (este problema, o Vasco está tentando resolver com o empréstimo de Freitas, da Ferroviária de Araraquara, jogador que começou bem o Campeonato Paulista mas que depois perdeu o brilho, como o resto do time).

A defesa é o melhor do time e Miguel, o jogador mais seguro: ele vinha muito bem, se entendendo com René; a lateral-direita tem um jogador apenas esforçado (Paulo César) e na esquerda, a fragilidade de Alfinete é indiscutível.

O meio-campo mostra a experiência de Alcir e o futebol limitado de Zanata, que tem bom toque de bola mas é incapaz de ser criativo no ataque, limitando-se a uma óbvia distribuição de passes para os lados.

No ataque, o Vasco conta com a velocidade de Ze e os dois jogadores de direita. Depois não parece disposto a pagar os 500 mil cruzeiros que o América exige pelo pequeno — mas eficiente — Edu.

Nas entrevistas oficiais, porém, Mário Travaglini tenta mostrar um otimismo até exagerado pelo Vasco, desmentindo inclusive as suas preocupações defensivas.

— Hoje em dia, o Vasco é um time preocupado unicamente em vencer, não em se defender. Acontece que, muitas vezes, o adversário não deixa.

O time-base do Vasco: Andrade, Paulo César, Miguel.

O time-base do Vasco: Andrade, Paulo César, Miguel, René e Alfinete; Alcir, Zanata e Luís Carlos, Jair Pereira Roberto e Dê.

Os jogos: domingo, Grêmio (em casa) dia 28, Santa Cruz (fora) 29, Vitória (f) 30, Sergipe (f) 31, Flamengo (f) 17, Portuguesa (f) 18, Goiás (f) 19, Figueirense (f) 20, Grêmio (f) 21, América RN (f) 22, Campinense (f) 23.



Vasco: campeão em 74. Hoje, na defesa.

CEUB

Barbatana: agressivo e muito otimista.

Para o técnico Barbatana, do Goiás, está tudo errado no futebol brasileiro, começando pelos pontas que hoje marcam os laterais. E, com ar de surpresa, ele diz que "o senhor Brandão, técnico da nossa Seleção, não fez descoberta nenhuma ao afirmar que o futebol brasileiro é pobre em pontas". Não é preciso dizer que esse Barbatana é adepto ao futebol ofensivo e que vai usar dois pontas abertos, agressivos, cruzando bolas para o centroavante Lincoln. Ele também desafia os defensores do futebol moderno ("Nada de todo mundo atacar e defender; eu vou é montar uma boa defesa, para que os atacantes não precisem defender"). No fim, foi ele quem fez uma descoberta: "para o Goiás, este Campeonato Brasileiro vai ser mais difícil do que o campeonato estadual".

Os jogos: quarta-feira, Santos (em casa) dia 21, Goiás (f) 22, Figueirense (f) 23, Flamengo (fora) 24, Campinense (f) 18, Vitória (f) 21, Flamengo (f) 24, Sergipe (f) 28, Grêmio (f) 17, Figueirense (f) 21, Portuguesa (f) 22.

Muito sacrifício por um lugar honroso

Último colocado do Campeonato Brasileiro do ano passado, o CSA vai tentar uma colocação mais honrosa neste ano. E, para conseguir isso, anda gastando o que pode (toda a arrecadação das mensalidades dos sócios) e o que não pode (dinheiro conseguido com empréstimos bancários). O maior ídolo de time, o ex-botafo-guense Ferretti, ganha mensalmente Cr\$ 18,5 mil, mais do que o governador de Alagoas, Divaldo Suruagy. E mais: o técnico do time, Laerte Dória, tem um salário de Cr\$ 5 mil, enquanto Nel Conceição, também ex-Botafogo, recebe Cr\$ 15 mil, o goleiro Rafael, Cr\$ 9 mil, e Torino, Cr\$ 8,5 mil. Todos contribuindo para uma folha de pagamento de Cr\$ 180 mil, o maior investimento que um time já fez em toda a história do futebol alagoano.

Os jogos: quarta-feira, Grêmio (em casa) domingo, Campinense (fora) dia 27, América RN (f) 28, Figueirense (f) 29, Campinense (f) 30, Figueirense (f) 17, Figueirense (f) 21, Grêmio (f) 22, América RN (f) 23, Santa Cruz (f) 24, Goiás (f) 25, Sergipe (f) 26, Vitória (f) 27, Goiás (f) 28, América RN (f) 29.

Inter, atrás de mais craques.

Nestes tempos de futebol brasileiro, um técnico que se faz respeitar e adepto dos modernos sistemas do futebol, onde todos atacam e defendem, sem posição fixa, o Internacional conta também com alguns jogadores que podem ser chamados de craques: por exemplo, o médio-volante Falcão e o meia-armador Flávio César; além, naturalmente, de contar com jogadores muito bons — por exemplo, o meia-direita Escurinho e o ponta-esquerda Lula. E agora, para completar o time, veio o goleador Flávio um jogador de habilidade discutível, mas sempre um perigo dentro da área.

Esquemático por Rubens Minelli, um técnico que se faz respeitar e adepto dos modernos sistemas do futebol, onde todos atacam e defendem, sem posição fixa, o Internacional conta também com alguns jogadores que podem ser chamados de craques: por exemplo, o médio-volante Falcão e o meia-armador Flávio César; além, naturalmente, de contar com jogadores muito bons — por exemplo, o meia-direita Escurinho e o ponta-esquerda Lula. E agora, para completar o time, veio o goleador Flávio um jogador de habilidade discutível, mas sempre um perigo dentro da área.

Os jogos: quarta-feira, Figueirense (em casa) sábado, Vitória (fora) dia 27, Goiás (f) 28, Portuguesa (f) 29, Grêmio (f) 30, Santa Cruz (f) 14, Santos (f) 17, Sergipe (f) 21, América RN (f) 24, Campinense (f) 28, Flamengo (f) 31.

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ